

Arte Comentada 2

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Jeanine Mafra Migliorini

(Organizadora)

Arte Comentada 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A786 Arte comentada 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Arte Comentada; v.2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-056-8

DOI 10.22533/at.ed.568191801

1. Arte – Crítica e interpretação. 2. Arte – Filosofia. I. Migliorini, Jeanine Mafra. II. Série.

CDD 707

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Pode a arte ser útil e bela? Deve ter função prática? Precisa ser questionadora? Moda é arte? Qual o limite para dizer o que é ou não arte?

Perguntas com muitas respostas, e que levam à outras tantas perguntas, e dessa maneira discutimos, colocamos à prova, testamos e abrimos novos caminhos para se falar e se produzir arte.

Para Platão existem três princípios intimamente ligados: o belo, o bem e a verdade. Ancorados nesta tríade encontramos a inteligibilidade e a autenticidade da arte. Elas se complementam, são indissociáveis, e compreender esta base nos oferece respostas às questões propostas. Uma vez resolvidas essas indagações podemos nos aprofundar nas discussões sobre o fazer artístico.

Aporta-se nessa tríade a moda: entre as linguagens do fazer artístico surge o que separa a produção de vestuário do que é produzido como arte, o livro apresenta debates deste fazer.

O modernismo aparece nas narrativas plásticas que trouxeram à arte, a literatura nos apresenta uma discussão sobre o simbolismo artístico, bem como as memórias culturais dos escritores.

A educação não pode se afastar do debate, afinal na escola, tão pragmática como as nossas, a arte é como um respiro e um alento, uma maneira de perceber a realidade mais humanamente, além de apresentar novas leituras de mundo. Isso pode ocorrer através da cultura popular, da capoeira, da música, da cor ou da literatura. Indiferente da forma como se apresenta uma questão é primordial, não há educação de qualidade que não envolva a arte e suas mais abrangentes formas de expressão.

Tão importante quanto os textos de discussão é a reflexão que ele causa em cada um dos leitores, que passam a ter responsabilidade sobre este conhecimento e a sua propagação. Assim deve ser, se quisermos uma sociedade consciente e crítica e de seu papel: não de espectador, mas sim de protagonista da história, implicando nisso que se assumam a responsabilidade diante da mudança ou da permanência que tanto almeja-se.

Boa leitura e boas ações!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	7
SAPATÓRIAS: DESENVOLVIMENTO DE SAPATOS DE CERÂMICA	
Carolina Haidée Bail Afonso Rosenmann Bianca Marina Giordani Gabriel Chemin Rosenmann Jusmeri Medeiros Marizete Basso do Nascimento Ana Lúcia Santos Verdasca Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.5681918011	
CAPÍTULO 2	14
ROUPAS TECNOLÓGICAS E PROPOSIÇÕES ARTÍSTICAS	
Adriana Gomes de Oliveira:	
DOI 10.22533/at.ed.5681918012	
CAPÍTULO 3	31
AMÉRICA LATINA, CUBISMO E CIDADES EM NARRATIVAS PLÁSTICAS MODERNISTAS	
Sandra Makowiecky	
DOI 10.22533/at.ed.5681918013	
CAPÍTULO 4	45
A GATA DE JADE EM <i>REQUIEM</i> PARA O NAVEGADOR SOLITÁRIO (2007), DO TIMORENSE LUÍS CARDOSO	
Denise Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.5681918014	
CAPÍTULO 5	56
PAULISTINHAS – ARTE E CULTURA POPULAR NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DO/NO INTERIOR DE SÃO PAULO	
Roseli Aparecida Silva Geraldo Magela dos Santos Magela Borbagatto	
DOI 10.22533/at.ed.5681918015	
CAPÍTULO 6	65
A COR COMO ARTEFATO CULTURAL NO PROCESSO EDUCATIVO	
Cristiane Machado Corrêa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.5681918016	
CAPÍTULO 7	79
SENTIDOS E SIGNIFICAÇÕES DA ARTE NO CURSO DE PEDAGOGIA	
Veronica Devens Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5681918017	
CAPÍTULO 8	89
UMA PÁGINA EM BRANCO: ENSINO DE LITERATURA E ARTES NUMA PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL	
Débora Cristina Santos e Silva Leda Maria de Barros Guimarães	

Caroline Francielle Alves

DOI 10.22533/at.ed.5681918018

CAPÍTULO 9 104

CORPO, MÚSICA E IMAGEM NO JOGO DA CAPOEIRA ANGOLA

Judivânia Maria Nunes Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.5681918019

CAPÍTULO 10 114

ENRIQUECER OS TEMPOS LIVRES: O CLUBE DE PLÁSTICA DA ESCOLA BÁSICA DE 2º E 3º CICLO PAULA VICENTE, EM BELÉM

Ana Vieira Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.56819180110

CAPÍTULO 11 124

PENSAR POR IMAGENS NA FORMAÇÃO CONTINUADA EM PEDAGOGIA: POSSIBILIDADES COM PROFESSORES QUE ENSINAM ARTE

Angélica D'Avila Tasquetto

DOI 10.22533/at.ed.56819180111

CAPÍTULO 12 135

LEITURAS DAS IMAGENS TÉCNICAS VISUAIS DE UM "INDOMÁVEL CUBO GIGANTE"

Maria Filomena Gonçalves Gouvêa

DOI 10.22533/at.ed.56819180112

SOBRE A ORGANIZADORA..... 152

LEITURAS DAS IMAGENS TÉCNICAS VISUAIS DE UM “INDOMÁVEL CUBO GIGANTE”

Maria Filomena Gonçalves Gouvêa

UFG – FAV – PPG em Arte e Cultura Visual
Goiânia - GO

RESUMO: Este artigo compõe parte da tese TomosGrafia – o corpo entre a ciência e a gravura. Trata da imagem técnica visual da radiologia, em especial a Ressonância Magnética (RM) salientando as possibilidades de produção e recepção da imagem radiológica para o estudo do corpo entre a ciência e a gravura como uma iniciação objetivamente metodológica. Têm como referências os fundamentos da radiologia em R.B. Gunderman e na análise fotográfica A.M. Mauad e R. H. Monteiro. Em Didi-Huberman, da relação entre o que vemos e o que nos olha, estabelece a análise crítica. A metodologia usada é de natureza qualitativa valendo da pesquisa bibliográfica e narrativa, para as imagens radiológicas e à poética em gravura, respectivamente.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem Técnica da Radiologia – Ressonância magnética – Gravura

ABSTRACT: This article makes up part of the thesis TomosGrafia – the body between science and engraving. This is the image visual technique in radiology, magnetic resonance imaging (MRI) underlining the possibilities of production and reception of radiological image for the study of

the body between science and engraving as an objectively methodological initiation. References the fundamentals of Radiology in Richard b. Gunderman and photographic analysis in Ana Maria Mauad and Rosana Hório Monteiro In Didi-Huberman, the relationship between the beholder and what looked on the critical analysis. The methodology used is of qualitative nature worth of bibliographical research and narrative, to the radiological images and poetic in engraving, respectively.

KEYWORDS: Image Technique in radiology - Magnetic Resonance – Engraving

1 | INTRODUÇÃO

Procurou-se neste artigo realizar uma leitura metodológica de imagens técnicas visuais, para compreender o processo de produção e recepção das imagens radiológicas, que são utilizadas como fontes para o processo criativo em gravura.

Foi apresentada a radiologia como conhecimento do “outro” e a gravura como o lugar de colocação do modo de ver o mundo. Ambas, radiologia e gravura, observadas como elementos da cultura material visual, científica e artística, respectivamente.

Neste contexto, foram seguidas as orientações metodológicas de Ana Maria Mauad em possibilidades de análise de Imagens Fotográficas (2004) e R. H. Monteiro (2005) e Richard B. Gundermam (2007) em Fundamentos de Radiologia em especial sobre técnicas de Imagens (2007). Com Didi-Huberman,(2010) da relação entre o que vemos e o que nos olha, foi destacado o [des]locamento das imagens do corpo entre a ciência e a gravura. Vejam estas imagens:

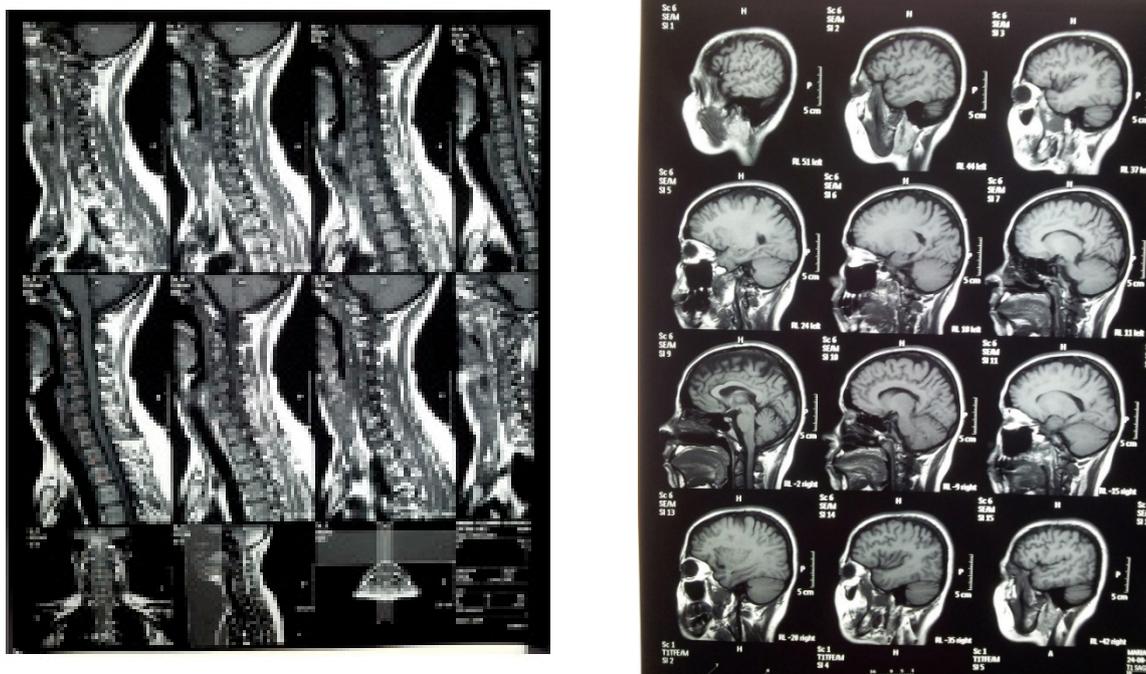


Fig. 1 e 2 – Detalhes de Exames Radiológicos

Fonte: Exames próprios realizados na Clínica da Imagem, Goiânia, 2008

A primeira máquina de Imagens de Ressonância Magnética recebeu os nomes de “Indomável” por causa das dificuldades enfrentadas para a conquista do aparelho e de “Cubo Gigante” em razão de suas características visuais (Gould, 2011). E, em uma máquina semelhante a esta que, no ano de 2008 foi realizada uma série de exames diagnósticos. De 2009 para cá, se decidiu a trabalhar com a arte e a ciência radiológica por meio dos exames de Ressonância magnética. A partir de então, uma série de Gravuras chamada “TomosGrafia” tem sido realizada. E em gravura se tem pensado o corpo entre a ciência e a arte.

A gravura foi escolhida como lugar da proposição poética a partir das próprias imagens da radiologia, em geral, e, em especial, as Ressonâncias magnéticas da coluna e do cérebro; compreendido o caráter diagnóstico das imagens radiológicas e os motivos de tê-las. E da mesma forma entendido o caráter poético da gravura. Mas, detalhamentos maiores tinham sido velados e, portanto, procurada a “transparência” plausível de ambas as imagens.

Mas, primeiramente foi necessário organizar, selecionar e classificar os diversos tipos de imagens radiológicas pessoais que permitiriam e permitiram prosseguir rumo a outras reflexões. Estava carecida de conhecimento acerca das particularidades e parcialidades diagnósticas de cada exame radiológico, pois não era esse o foco

da pesquisa. No entanto, foi viável a distinção, seleção, catalogação e classificação visual frente à ciência radiológica favorável a compreensão dos modos de produção e recepção das imagens, os quais foram selecionados para um trabalho poético, e a reflexão consistiu em uma das tarefas dedicadas a realizar acerca do corpo entre as imagens técnicas visuais da ciência e da gravura, propostos neste projeto.

Foi observado que os trabalhos poéticos de uma grande quantidade de artistas contemporâneos estavam relacionados com a imagem radiológica, constatados nos estudos da pesquisadora e professora Dra. Rosana Hório Monteiro.

Neste artigo o objetivo consistiu em analisar a imagem técnica da radiologia em produção e recepção e, fazer um recorte especial em Ressonância Magnética (RM) como imagem da ciência e pensar a sequente relação entre esta e a gravura, cujo eixo se estabelecesse sobre o corpo.

Até aquele momento não havia tido sequer um único modo de envolvimento com o objeto - o corpo em imagem - pois o mesmo se apresentava polifônico, aberto e híbrido quando dizia respeito às imagens visuais.

No entanto, de forma analítica e crítica, a imagem radiológica foi sendo observada como uma coleção de imagens, fotográficas, da cultura material científica da medicina diagnóstica. Como imagens técnicas visuais continham polifonia intertextual entre legendas textuais e imagens gráficas em sua apresentação. Sendo assim, as imagens da radiologia possuíam dimensões temporais, visuais e técnicas que dialogavam com o verbal e não verbal a partir do princípio da intertextualidade, conforme sugestão de análise fotográfica de imagens técnicas em Mauad (2004).

A imagem radiológica estava baseada em um mediador tecnológico parecida ser não tão indomável como antes, que produzia imagens cuja recepção das mesmas se dava entre os agentes em campo de sentido hermenêutico, simbólico e apresentavam-se como sinal de verdade entre os mesmos.

De caráter transdisciplinar, as fotografias radiológicas possuíam mensagem significativa, diagnóstica, processando com os sujeitos envolvidos na construção da mesma. Elas atuavam em comunhão com os atores sociais como testemunho da história cultural humana na área da medicina diagnóstica, radiológica e da cultura visual como documentos e monumentos desta.

Gunderman em Fundamentos da Radiologia (2007), afirmou a existência de um circuito social entre paciente, médico e técnicos em que os mesmos, agentes, intérpretes e receptores da imagem tinham estabelecido uma relação envolvente de sentido e significado para a vida. O papel desempenhado pela Radiologia estava cada vez mais ampliado às possibilidades de desvelamento do corpo vivo pela imagem.

Quanto precisamos saber o que está ocorrendo por sob a pele, é ao departamento de radiologia que geralmente nos encaminhamos. (Gunderman, 2007, p. xiii)

A radiologia viu o corpo humano em sua interioridade estrutural morfológica e funcional e a participação tecnológica havia cooperado com a ciência médica para

obter imagens do humano especialmente em vida. Lembrando que as estruturas anatômicas visualizadas vivas “do coração, do cérebro, dos intestinos e dos outros órgãos são radicalmente diferentes da morfologia depois da morte”, afirma Gunderman (2007, p. xiii). No entanto, existe uma considerável transparência/opacidade em imagens técnicas (inclusive os exames de RM) que metodologicamente, segundo Mauad (2004, p.22) podiam ser observados a partir dos dois elementos importantes sobre as imagens técnicas: a sua produção e a sua recepção.

2 I QUANTO A PRODUÇÃO DAS IMAGENS TÉCNICAS DA RADIOLOGIA

É possível remontar um pouco da história da imagem visual diagnóstica, na lembrança de que, a primeira imagem do corpo humano foi o Raio X, que passou a ser utilizado desde sua descoberta pelo físico alemão, Wilhelm Conrad Roentgen em 22 de dezembro de 1895, com a imagem da mão de sua esposa Bertha Röntgen.

Afirmou poeticamente Monique Sicard (2006, p.11), em *Fábricas do olhar*, no texto *Radiografias*, que o processo de estudo do paciente foi transferido da observação para a visualização de imagens.

Pela primeira vez, o olho acedia ao interior do corpo vivo. Pela primeira vez, a máquina de visão via melhor do que o olho humano: a chapa sensível fotográfica captava à distância raios invisíveis... (Sicard, 2006 p.209)

E completou:

A imagem da mão anelada enquadrada como uma simples “vista”, abria caminho para um diálogo entre o real e a máquina produtora de raios. (Idem).

Lembrando ainda que, o raio X foi utilizado por cerca de 60 anos como único método no final do século XIX até meados do século XX e que seguiu outras conquistas científicas:

O escaneamento isotrópico foi introduzido em 1950 e o ultrassom nos anos 60. A TC foi desenvolvida na década de 70 e a imagem por Ressonância magnética (IRM) nos anos 80. (David Sutton, 1996, p.1).

Com esses métodos de obtenção da imagem radiológica, historicamente inseridos, permitiram análise da Produção de Imagens da Radiologia em ângulos distintos. Advogou Gunderman, (2007, p. 3s), acerca de três modos de produção das Imagens radiológicas: a primeira por transmissão de energia, a segunda por reflexão de energia e a terceira por emissão de energia.

A Produção das Imagens por Transmissão de energia, como o Raios X e a Tomografia computadorizada, dependiam das densidades dos corpos para que pudessem ser visualizados:

Em ordem decrescente de densidade, as principais densidades visíveis na radiografia são, metal, osso, água (incluindo tecidos moles como os músculos), gordura e ar ... a densidade e a espessura são fatores a serem considerados na avaliação do grau de opacificação encontrado na radiografia. (Gunderman, 2007,

O método do Raio X segundo Sutton (1996, p. 3), havia penetrado em materiais que não transmitiam luz visível. Durante a maior parte do tempo da história da radiografia, a imagem radiológica estava concentrada em uma única etapa de detecção da imagem e a exibição das sombras, “esquiografias”, do grego, “quadro de sombras”, por apresentarem os registros anatômicos à medida que fótons tivessem passado através do corpo. (Gunderman, 2007, p. 3s). Mas, outros autores como Sutton (1996, p.1), fizeram sua análise da produção da imagem a partir do uso de radiação ou não e ao grau de periculosidade.

A Tomografia, outro método de produção de imagens através do raio X foi desenvolvida no uso clínico por um médico Britânico Godfrey Hounsfield em 1972. Foi uma variação do método do raio X simples que permitiu que cortes radiográficos teciduais fossem obtidos. Durante a exposição do raio X, o tubo de raio X e o filme de raio X foram movidos em direções opostas, de forma a produzir o equivalente a um corte (secção) do corpo pelo raio X. Secções corporais múltiplas puderam ser obtidas em uma única exposição. A técnica é usada principalmente para exames do tórax; todavia, também é usada para ossos e outras áreas. (Gunderman, 2007, p.9).

Na produção de Imagens por Reflexão, a ultrassonografia tem sido a modalidade radiológica realizada por meio de diferenças acústicas. Afirmou Gunderman (2007) que o emprego do som como meio de “visualização” pode ser exemplificado com a natureza do morcego que faz uso do deslocamento do ar para se locomover, bem como as navegações. (Gunderman, 2007, p.11)

Expôs o autor,

O uso de ondas de som como meio de diagnóstico clínico data, pelo menos, de antes da época de Hipócrates, que reconheceu a importância do som do ar e dos líquidos que fluem através do tórax, que hoje, em dia denominamos “ruídos adventícios. (Gundeman, 2007, p.11).

E o autor explicou que a produção clínica começou no ramo da cerveja, no século XVIII, cuja percussão tinha sido utilizada para avaliar o volume de cerveja que havia nos barris. Na medicina foi detectada que a percussão dos sons estava para o encontro de problemas no abdômen distendido e nos pulmões. (Gundeman, 2007).

Do ponto de vista clínico, o uso do som como meio de visualizar as estruturas humanas exigiu inovação significativa na tecnologia, especificamente, ou seja, a produção de sons e a recepção de ecos que permitiriam a construção de um quadro bidimensional ou tridimensional... O fato de não utilizar radiação ionizante torna este método especialmente bom para o imageamento da pelve da paciente que está, ou poderia estar, grávida. (Gunderman, 2007, p.11).

A terceira modalidade apresentada pelo o autor foi a produção de Imagens por Emissão.

... incluem a Ressonância Magnética e a Medicina Nuclear. A Rm não utiliza radiação ionizante, gera imagens com a utilização de um campo magnético..., enquanto a Medicina Nuclear pode ser usada radiação ionizante. (Gundeman, 2007, p.15).

Segundo o autor as distinções entre Ressonância Magnética e Medicina Nuclear seriam:

A RM cria imagens diferenciando as propriedades magnéticas nucleares dos vários tecidos, uma propriedade muito diferente da densidade atômica simples... enquanto a Medicina Nuclear descreve tanto a morfologia anatômica quanto a fisiologia...embora a RM também possa produzir informações funcionais sobre os tecidos. (Gunderman, 2007, p.15).

O fenômeno da Ressonância Magnética foi descoberto na década de 40. “A primeira imagem bidimensional de um corte do corpo humano foi produzida em 1977, e no início da década de 1980”, afirmado por Gundeman (2007, p.15). Sua pesquisa vem sendo fundamentada por Félix Block na Standford University e Edward Purcell na Harvard University após descoberta a dinâmica física envolvida na denominada Ressonância Magnética. Ambos em 1952 receberam o Prêmio Nobel de Física por sua descoberta. Por muito tempo afirmou o autor, que a RM foi utilizada estritamente pela Química, como um recurso estritamente dessa área em seu potencial de pesquisa e na década de 1970 passou a ser utilizada para fins de imageamento.

O aparelho de RM, o “Indomável Cubo gigante”, em sua complexidade, tem usado pulsos de radiofrequências direcionados sobre parte do corpo humano. (radiologia.blog.br). A imagem do corpo é obtida por meio de campo magnético e ondas de radiofrequências emitidas em diferentes tempos e sequencias de pulsos. De forma não invasiva, são geradas em diferentes planos visuais (sagital, axial e coronal) (lado, de topo e frente) com possibilidades visuais de contrastes entre os tecidos. (<http://www.famerp.br>).

Todd Gould (2011) autor do artigo, *Como funciona a geração de imagens por ressonância magnética*, afirmou que o aparelho pode selecionar um ponto pequeno em forma de cubo de meio milímetro do corpo humano:

O aparelho de ressonância percorre cada ponto do corpo do paciente, construindo um mapa em 2-D ou 3-D dos tipos de tecido. Então, ele junta todas essas informações para criar imagens em 2-D ou modelos em 3-D. (Todd Gould, 2011).

Para Sutton a Imagem por Ressonância Magnética (IRM), “representa o mais excitante avanço dos métodos de imagem”. (Sutton, 1996, p.16).

3 | QUANTO A RECEPÇÃO DAS IMAGENS TÉCNICAS DA RADIOLOGIA

Esse é o outro aspecto sugerido por Mauad (2004, p.22) para ser analisado: o produto produzido e a recepção do mesmo, ou seja, a imagem enquanto matéria, com sentido e relação social. A autora afirmou:

Nunca ficamos passivos diante de uma fotografia: ela incita nossa imaginação, nos faz pensar sobre o passado, a partir do dado de materialidade que persiste na imagem. (Mauad, 2004, p. 22).

No caso da RM, de matéria diagnóstica ou para efeitos de curativo em tempos

determinados, as imagens “nos contam histórias, atualizam memórias, inventam vivências, imaginando a história”. (Mauad, 2004, p.23). Para pensar a imagem radiologia, Gunderman (2007) afirmou:

A radiologia ilustra na mente e fixa na memória visual conceitos anatômicos e fisiopatológicos do paciente, fornecendo um quadro mais pormenorizado e acurado da saúde e da doença. (Gunderman, 2007, p. xiii).

As imagens Técnicas da Radiologia em geral e da Ressonância Magnética em especial, como fotografias, extraídas, do corpo, podem ser lidas e interpretadas pois são fonte histórica de documentação do estado saúde/doença do paciente. Ela tem informado acerca do paciente sobre suas condições vitais. Entretanto deve-se lembrar que além de documento, se torna monumento, simbólico, que é estabelecido, construído. Tem dito a autora: “Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma determinada visão de mundo”. (Mauad, 2004, p.23).

Todo processo de produção, circulação e consumo das imagens da Radiologia tem sido resultado de um “jogo de expressão e conteúdo” (Mauad, 2004, p.23) envolvendo médico para médico, do autor ao intérprete que retorna para o médico que pediu o exame sendo o médico/autor/intérprete, o texto/as ressonâncias e o leitor/paciente e um produtor/técnico que têm relacionado por um *locus* específico de produção cultural médica/diagnóstica.

No controle exercido pelo produtor da imagem, o técnico, deva ter o mínimo de competência para o ofício e o controle técnico dependa proporcionalmente do objetivo do exame. A realização produtiva consiste numa prática especializada de uma classe social distinta no saber e poder.

Suzanne Henwood tem afirmado sobre os técnicos/tecnólogos em Radiologia que, para garantir sua perícia profissional precisam manter atualizados o conhecimento anatômico, fisiologia e patologias. Precisam conhecer as condições dos equipamentos, os protocolos e desempenhar papel proativo para construção de boas imagens e elaborar protocolos pertinentes para cada imagem do corpo.

Devem ainda procurar manter um resultado da imagem com uma possível redução de irradiações e de aplicações de injeções intravenosas de contrastes, bem como posicionarem o paciente para a coleta da imagem. O descuido em observar o protocolo pode ocorrer na repetição do exame o que vem a ser muito ruim para o paciente. (Henwood, sd, p.xi).

Para a medicina é imperativo utilizar de modo apropriado as técnicas de imagens radiológicas, na compreensão e significado dos sinais nas imagens e a maneira como aplicar as imagens em experiências de diagnóstico em integração da anatomia, das patologias, como seu principal papel e como primariedade diagnóstica, em que há diferenças absolutamente distintas entre um órgão vivo e um morto. (Gunderman, 2007, p.xiii).

Para Mauad, (2004) a fotografia deve ser concebida como uma mensagem que

possui “Expressão e Conteúdo” que colaboram para a produção de sentido das imagens. A compreensão da imagem fotográfica para Mauad (2004, p.24) dá-se em dois níveis: interno e externo; de caráter não verbal e, verbais ou textuais, respectivamente e que ambos necessitam de uma determinada regra compartilhadas pela comunidade de leitores que pressupõem competências específicas tanto para a produção da imagem quanto para sua leitura.

Esta textualidade aplicada à RM como fotografia tem apresentado seu nível interno na superfície do texto visual como linguagem não verbal e o nível externo como texto verbalizado até o laudo.

O diálogo iniciou dentro de competências. Os exames são dirigidos a um órgão competente ao mesmo com seus sujeitos apropriados a realizá-lo. Estes recebendo o pedido médico providenciam a coleta da imagem a partir de um equipamento apropriado para cada parte anatômica. Segue a maneira de obter a imagem, a captação e otimização da imagem. Se há um texto visual a ser lido, na RM, esta tem que ter boa condição quanto a qualidade da imagem cujos parâmetros devem ser “universalmente aceitáveis para a maioria dos sistemas”, dependentes da intensidade do campo magnético. Para um aprofundamento segundo o interesse, ler Manual de técnicas de Ressonância Magnética de Catherine Westbrook (2010).

Já os externos, tanto quanto a utilização de abreviaturas e termos utilizados nos exames; são descritas as sequencias das imagens e as opções das imagens. (Westbrook, 2010, p.9)

Na investigação, a RM não só foi vista como uma imagem documento, mas também imagem monumento que além de constituir-se dentro de um padrão universal de um sistema médico/diagnóstico, constituiu conforme Mauad, (2006, p.27) “um processo de construção de sentido”...; que revela um sentido social da imagem: “a fotografia comunica por meio de mensagens não verbais, cujo signo constitutivo é a imagem”, que possui conotação própria contextual como mensagem.

Esta mensagem tem sido mais que analogia do real. Elas têm figurado como uma relação entre a imagem e o leitor da mesma, como processo de “investimento de sentido”. (Mauad, 2006, p.28). A autora tem destacado a necessidade de se executar três passos fundamentais para essa relação: primeiro compreender as funções signas da imagem, pois elas não são naturalmente indiciais e sim um construto social já mencionado na pesquisa. Segundo, que a imagem fotográfica é uma escolha. No caso dos exames, não se sabe ao certo se essa condição é possível, embora a imagem da RM seja tratada como uma construção “de” “para” como sugere Geertz acerca da imagem como construto cultural e terceiro se refere entre o plano do conteúdo e da expressão.

Enquanto o primeiro (conteúdo) leva em consideração a relação dos elementos da fotografia com o contexto no qual se insere, remetendo-se ao corte temático e temporal feitos, o segundo pressupõe a compreensão das opções técnicas e estéticas as quais, por sua vez, envolvem um aprendizado historicamente determinado. (Mauad, 2006, p.28).

Assim, tanto em plano de forma do conteúdo como em forma de expressão, ambos são organizados por unidades culturais. Para o plano de forma de expressão a autora tem sugerido que os campos sejam: tamanho; formato ou suporte; tipo de foto e seus enquadramentos, nitidez. Para o plano de forma do conteúdo os campos a serem considerados são: local; pessoas; atributo das pessoas, atributo de lugares e tempo retratado. Para o plano de conteúdo, o espaço assume a função semântica em cinco dimensões: o espaço fotográfico, o espaço geográfico, ao espaço do objeto, o espaço da figuração, no espaço de vivência. (Mauad, 2006, p.33). Para a autora:

A cada novo tipo de fotografia e objeto a ser estudado a partir da imagem fotográfica, o pesquisador se vê obrigado a atualizar o método de análise e adequá-lo à sua matéria significativa, guardando os imperativos metodológicos apresentados. (Mauad, 2006, p.35).

Sendo assim, os dois modos sugeridos pela autora para a leitura da imagem estão aliadas às ideias de Gunderman, (2007). Aos vistos nos exames, foram aplicados: seleção, classificação em produção e recepção das imagens radiológicas. Veja a comparação da produção e recepção em forma de tabela:

3.1 Tabela – Produção de imagens

Ano	Transmissão de Energia		Reflexão de Energia	Emissão de Energia	Invasivos ou não
	RX	TC	USG	RM	GRÁFICOS E ECOGRÁFICOS e VÍDEOS
	Acetato	Papel Fotográfico	Papel Fotográfico	Papel Fotográfico Acetato e gravação	Papéis comum e Fotográfico
2008				Coluna Cérebro	
2009					Cateterismo Ecodoppler
					Cintilografia de perfusão miocárdica
2010	Odon- tológicas	Vias Urinárias	Uriná- rio Trans- vaginal	Lombar	
2011		Abdome total			Vídeo Esofagogastro duodenoscopia
2012			Transvaginal Mamária		Cardiovascular

2013	Pulmão		Tireoide		Cardiovascular
	Densimetria		Abdome sup		Ecografia
	Mamografia (conv. e dig)		Mamária		ECG
2014	Odontológicas	Crânio	Transvaginal		
		Vias urinárias	Mamária		
2015			Transvaginal		Endoscopia Digestiva Alta
			Abdome total		
			Mamária		
2016	Tornozelo		Transvaginal	Coluna total	
			Mamária		
2017	Odontológicas			Lombar	
TOTAL DE EXAMES					39 UNIDADES

Tabela - Recepção das imagens - níveis externos – verbais textuais das RM em temporalidade e tipos de cortes

COLUNA CERVICAL - AP. INTERA 1.0 T									
Data	Hs	Temp	Solic	Tipo	Tomo	Cortes	Slice/echo	Cate	Loca
17/04/2008	11:43	4:12m	WF	RM	Cervical	Sagital	1/09 – 1/1	CLEAR	CIGyn
	11:48	3:09m				Sagital	1/09 – 1/1	CLEAR	
	11:57	2:34m				Dorsal	1/12 – 1/1	CLEAR	

TOTAL DE IMAGENS - 30 fotos em 3 folhas de acetato

CRÂNIO									
Data	Hs	Temp	Solic	Tipo	Tomo	Cortes	Slice/echo	Cate	Loca
18/04/2008	11:06	3:40m	WF	RM	Crânio	Transverse	1/20 – 1/1	FLAIR	CIGyn
	11:10	2:48m'				Transverse	1/20 – 1/1		
	11:13	1:35M				Transverse	1/20 – 1/1	FFE	
	11:15	42:9s				Transverse	1/18 – 1/1	SSH	
	11:15	42:9s				Transverse	1/18 – 1/1	SSH	
	11:16	1:35m				Sagital	1/16 – 1/1		
	11:18	2:14				Sagital	1/20 – 1/1	FLAIR	
	11:28	2:30m				Transverse	1/20 – 1/1	TSE	
	11:30	1:58m				Coronal	1/20 – 1/1	CONT	
	11:32	2:48m'				Transverse	1/20 – 1/1	CONT	
	11:51	3:17m				Transverse	20/20 – 1/1	CLEAR	
	12:04	3:35m'				Transverse	25/25 – 1/1	CLEAR	
	12:08	4:18m				Transverse	25/25 – 1/1	CLEAR	
	12:24	3:36				Transverse	20/20 – 1/1	CLEAR	
	12:28	3:17m				Transverse	20/20 – 1/1	CLEAR	
	12:29	3:17m				Transverse	20/20 – 1/1	CLEAR	

TOTAL DE IMAGENS de 322 fotos em 16 folhas de acetato.

COLUNA CERVICAL – DORSAL E LOMBAR – Aparelho – Philips 1,5 TESLA	
---	--

Data	Hs	Temp	Solic	Tipo	Tomo	Cortes	Slice/echo	Cate	Loca
30/05/2016	17:43	02:54	ZASJ	RM	Cervical	Sagital	1/12 – 1/1	Clear	CDCE
	17:46	03:26				Sagital	1/12 -1/1		
	17:50	02:59				Sagital	1/12 – 1/1		
	17:54	04:38				Axial	1/24 – 1/1		
TOTAL DE IMAGENS – 60 em 4 de papeis fotográfico									
Esses exames foram concedidas imagens em cd									
CRÉDITOS:									
SOLICITANTE – ZASJ									
OPERADOR – VL									
LAUDO – GRF									
Total de imagens 60 fotos em 4 folhas									

Dessa forma, as imagens geradas via equipamento de RM, necessitam de uma leitura própria e especializada. Ela somente tem sido decodificada pelos agentes que a veiculam que são os médicos-radiologistas propriamente ditos. Porém, não dá para ignorar, mesmo não participando do quadro dos sujeitos leitores diretos, que a imagem visual, tem apresentado uma rica trama de relações tonais e diferenciações de texturas, por meio de manchas e volumes que sensibilizam o leitor/espectador por mais desinformado que seja. Com isso, novo deslocamento significativo terá surgido, deixando de ser somente imagem do corpo para ser imagem poética.

4 | UMA EXPERIÊNCIA [RES]SIGNIFICANTE

Para quem desconhece o código da RM não consegue realizar uma leitura apropriada do exame. A imagem visual torna-se imagem abstraída do corpo, em que formas, tons, volumes, inscrições falam de um mapa corporal capaz de chamar para si toda atenção e pode vir a ser apropriada como fonte, suporte e referência em poética.

Dessa forma, sente-se um verdadeiro magnetismo com as imagens de RM quando vistas e reciprocamente quando olhadas por elas. Nesse sentido Didi-Huberman (2010) abordou a dupla distância entre “o que vemos e o que nos olha” no aspecto dialético entre o “olhante” e o olhado. Porém, acredita-se que não é somente quando se mira as imagens da arte que esse fato se dá, mas a toda e qualquer imagem ao ser contemplada, inclusive as radiológicas.

O poder de atração foi tal que capturou a atenção para o estudo do corpo enquanto visualidade. Conquistadas por elas, desde o ano de 2009, essas imagens radiológicas tem sido fonte de pesquisa visual. Primeiro foi em pintura e depois em gravuras em metal e no linóleo, em métodos subtrativos da imagem. Essas imagens diagnósticas têm sido tratadas em paralelo com as imagens gráficas em relacionamento viso-poético.

A imagem diagnóstica, como parte da cultura material científica no contemporâneo

sustenta em si autoridade e poder implícitos, de caráter autorreferente de verdade diagnóstica. As imagens médicas são recebidas como fato e verdade para os agentes envolvidos. E os resultados lidos e interpretados tem mudado o rumo existencial do paciente. Para Rosana Hório Monteiro em *Corpo lido, corpo revelado. Imagens médicas entre a arte e a ciência.* (2005),

Os resultados estatísticos dos exames, processados por computador e reproduzidos em um monitor parecem ser objetivos, neutros, irrefutáveis, equivalentes à verdade. Monteiro (2005, p. 398).

A mudança a partir da visualização das imagens radiológicas foi para além da compreensão do corpo e o cuidado com o binário saúde/doença. Ao utilizar as imagens diagnósticas, como fonte de trabalho artístico em gravura, pode-se criar novo significado à visão do corpo como um acontecimento em outras imagens, agora não mais diagnósticas e, sim poéticas.

As imagens poéticas como construtos socioculturais possuem autoridade relativa, possibilitam cruzamentos e transversalidades interpretativas, reflexivas e relacionais, híbridas em significações, nem sempre consensuais entre autores, processos e espectadores. Consistem em ser relacionais e inseridas em contextos psico-sociológico, filosófico, político e cultural na atualidade de forma aberta em regimes específicos de visualidades.

Se as imagens diagnósticas apelam a uma leitura especializada, as imagens artísticas pedem ao espectador outras leituras. Elas são para alcançar a sensibilidade e não uma leitura funcional. A arte não precisa de uma justificativa para sua comunicação imaginativa. Se a proposta deste artigo é uma tentativa de [des]locamento de uma imagem diagnóstica a uma imagem criativa, é feita por essa mesma assertiva.

Compreender o “lócus” de cada tipo de imagem faz-se necessário. Imagens radiológicas são diagnósticas. Imagens de gravura são poéticas. Ao olhar a imagem médica e compreender as relações com possibilidade de mescla - no caso o estudo do corpo – cruzam-se os campos com a imagem e percebe-se que ao cruzá-las, o sentido [des]loca no olhar e não se alteram os sentidos das respectivas imagens. Para o artista tentar tal [des]locamento não equivale dizer que a imagem diagnóstica deixa de ser diagnóstica.

O que ocorre é que o olhar construído poeticamente sobre o corpo via imagem diagnóstica, irá propor outra leitura do corpo e isso pode vir a ser uma ressignificação ou até mesmo uma catarse. Entretanto, o que interessa é que nas imagens técnicas da Ressonância Magnética e ao olhar as mesmas, encontram-se subsídios para o imaginário e o real de forma sensível e emancipadora, capazes de elucidar narrativas, imaginários e criar significações poéticas além das diagnósticas.

A interferência nos exames médicos como suporte para o trabalho artístico, ou quando utilizado como fonte para a gravura, ou quando elaborado outro objeto incluindo ambas - gravura e imagem - o sentido [des]locado se constitui em uma trama de relações visuais ampliadas. Ocorre nesse [des]locar uma “anulação” da diagnose

para uma construção, via imaginação, na obra artística a partir do visual do corpo. O corpo passa a ser o objeto de miragem ao mesmo tempo que elemento [re]visto, tornado assim um evento criativo. O deslocamento se dá na/da/com a imagem técnica diagnóstica para a poética.

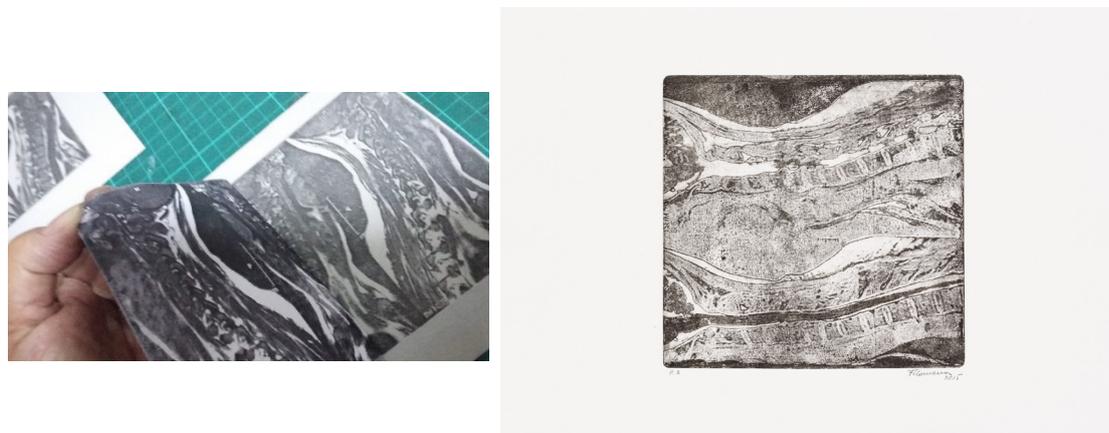


Fig. 3 e 4 - Imagens do processo de transferência e imagem gravada

Fonte Acervo da artista.

Sendo assim, o olhar sobre a imagem estabeleceu o início do [des]locamento para aquele que a olha. Depois de absorvido o sentido da imagem quem pode dizer que não o pertence ou é pertencido por ele? O sentido de pertencimento e [des]pertencimento é uma condição particularizada do local. Pensa-se localidade como fundadora de um estado. Diante dessa condição gera-se ao “local” o sentido de permanência e o sentido de movimento. Percebe-se que o local, quer seja físico ou não, é afetivo a si e para si. Testemunham a respeito de quem vê e provoca o olhar. Dentro desse raciocínio Sicard, (2006:48) afirmou que “a imagem fala do mundo falando de si mesma”.

Isso é o motivo da ênfase no deslocamento, pois visualidade, oralidade e abstração, figuração e narrativas se imbricam interativamente. Já dizia Marli Meira, 2003:

A produção simbólica é, para mim, uma possibilidade, um jogo que também se pode fazer revisitando mitos de visibilidade das várias culturas, uma vez que eles deflagram um clima de profundo envolvimento espiritual com o trabalho da criação. (Meira, 2003:20).

Várias situações entre o olhar a imagem médica e a mediação com gravura foram seguidas: desde a posse das imagens diagnósticas até o [des]locar delas à poética pictórica, (de 2009 a 2013). Em seguida à gravura de forma mediada, bem como após [des]locar as imagens médicas em si mesmas.

Entretanto, em momento algum a imaginação, a criatividade não interviu, mas, deu lugar a um entendimento da própria imagem médica gradativamente, não só pelo seu contexto, como na sua visualidade, de imagens simbólicas às imagens indiciais; às imagens dialógicas, Intersemióticas. Esses [des]locamentos foram em compreensão e escolhas em ordens estruturais, técnicas e meios e interpretações.

Ao utilizar as imagens radiológicas em poética pictórica, primeiramente, fez-

se em transferência mediada de 2013 a 2014. Percebeu-se que além de registro diagnóstico, tem auxiliado o médico a referenciar sobre o corpo, mas também como mediação para este trabalho.



Fig. 5 - Imagens de Paisagem do Corpo em gravura em metal, 2014.

Fonte: Acervo da artista

A escolha da gravura, como lugar de mediação e ação que adquire realidade dentro de um contexto específico técnico e institucional poético próprio, corrobora com autora Marli Meira quando afirmou que “propor conceitos em arte sem mediações é impossível” Marli Meira, (2003, p.16).



Fig. 6 - Imagens de Tratamento e Agenciamento da Imagem de RM no PC.

Fig. 7 Transferência em Matriz de Cobre e Impressão em Montval, 2015.

Fonte: Acervo da Artista

Entretanto, não demorou muito para que fosse percebido que as imagens diagnósticas eram em si mesmas, o registro-testemunho de uma realidade existencial própria, enquanto a imagem da gravura, híbrida e maleável é suscetível a aproximações e distanciamentos.

Sabe-se que a gravura pressupõe uma fixação de uma imagem em um suporte material como pedra, madeira, metal e implica na transferência dessa em outros suportes como papeis, tecidos, entre outros. Da geração da imagem à sua impressão,

pressupõe processos especializados. (Fajardo, 1999, p. 9).

A experiência com a gravura em associações com outras linguagens tem sido gradativa gerando imagens de diversas maneiras de execução. De igual maneira as imagens médicas, por meio de transformações formais, agenciamentos, projeções e criatividade como fonte artística. Outras vezes a imagem é apropriada na íntegra como se apresentou no exame. Fotografado em mesa de luz, inserido em programa de imagens computacional e transferido por processos gráficos para linóleo como se vê abaixo. Imagens relacionadas entre linoleogravura em cores e exame de RM.

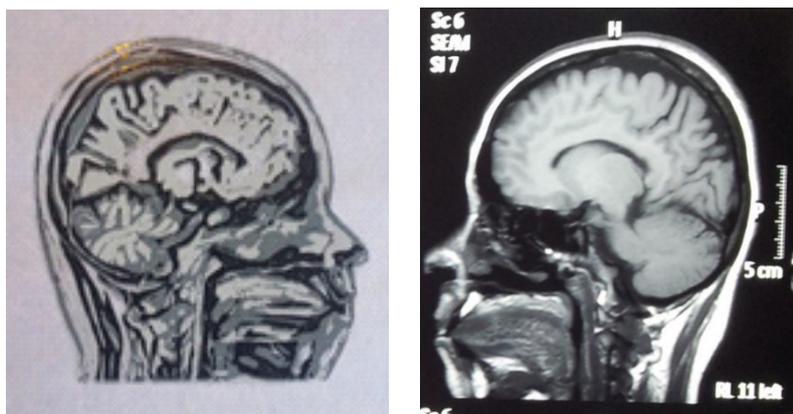


Fig. 8 - Imagens relacionadas entre linoleogravura em cores

Fig. 9 – detalhe de exame de RM.

Fonte: Acervo da Artista

A Gravura, como uma forma combativa da arte, em suas múltiplas possibilidades experimentais, comporta as habilitações escolhidas para desenvolver trabalhos artísticos em poéticas contemporâneas que permitam o cruzamento entre campos de sentido, científico e visual além dos socioculturais e políticos. (Lontra, sd, p.12)

Assim, ao transpor, [des]locando da imagem da Ressonância à imagem artística procura-se conferir um olhar poético sobre a imagem radiológica que faz-se sentir cheia de domínio próprio e poder ao elucidar narrativas visuais e imaginárias entre a arte e a ciência médica.

Na mesma ordenação, veja o leitor às maneiras objetivamente orientadas acerca de coleção ou série de imagens técnicas, contendo as descrições das imagens em suas diferentes formas de produção e recepção. Objetivamente ordenadas, classificadas e selecionadas podem inicialmente dizer sobre o mapeamento do corpo.

Em sequência, processual [re]elaboradas são associadas, agenciadas, transferidas e transformadas em fonte, suporte, materialidade e lugar de fala em imagens poéticas em gravura.

Portanto, reflete-se sobre as imagens (da ciência e da arte) que são vistas e que olham na medida em que são vistas (Didi-Huberman, 1998) nesse ambivalente, híbrido de ver o corpo “entre” a ciência e a poética.

REFERÊNCIA

BERGER, JOHN. **Modos de Ver**. Ed. Rocco, 1999.

CARVALHO, A. R. **O corpo como objeto sensível na contemporaneidade – corpo/vestir/lugar**. In: Martins, Alice Fátima, (org). 14 encontro Cultura Visual e desafios da pesquisa em Artes. Vol. 1 Goiânia: UFG/ANPAP, 2005.p. 37-40.

COURTINE, J.J. **História do Corpo. 3. As mutações do olhar: O século XX**, Petrópolis, RJ, 201.

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos e o que nos olha**. São Paulo. Editora 34, 2010.

FAJARDO, Elias. **Oficinas: gravuras**. RJ. Ed. Senac Nacional, 199. P.9-38.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, LTC,1989.

Gould, Todd. **Como funciona a geração de imagens por RM** - traduzido por HowStuffWorks Brasil-
<http://ebm.ufabc.edu.br/wp-content/uploads/2011/10/Como-funciona-a-geração-de-imagens-por-ressonância-magnética.pdf>

GUNDERMAN, Richard B. **Fundamentos de Radiologia**, Rio de Janeiro pela Editora Guanabara Koogan, 2007.

HENWOOD, Suzanne. **Técnicas e prática na Tomografia Computadorizada Clínica**. Editora Guanabara Koogan. Sd.

LONTRA, Marcus. **A Gravura e a arte moderna**. Sd.

MAUAD, A. M. **Fotografia e história. Possibilidade de análise**. In: Ciavatta, M. e Alves, N. (orgs.). *A leitura de imagens na pesquisa social*. História, comunicação e educação. São Paulo: Cortez, 2004, p. 19-36.

MEIRA, Marli. **Filosofia da Criação, reflexões sobre o sentido do sensível**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

MONNIER J.P. e J.M Tubiana. **Manual de Diagnóstico Radiológico**. Editora Médico Científica, 1990.

MONTEIRO, Rosana Horio. **Imagens médicas entre a arte e a ciência: Relações e trocas**. In: http://www.revistacinetica.com.br/cep/rosana_monteiro.pdf

_____. **Corpo lido, corpo revelado. Imagens médicas entre a arte e a ciência**. Cultura Visual e desafios da pesquisa em Artes. FAV.ANPAP, V.1,2005.

ROUILLÉ, A. **A fotografia – entre o documento e a arte contemporânea**. São Paulo: SENAC, 2009.

SICARD, Monique. **A Fábrica do Olhar- Imagens de ciência e aparelho de visão** (século XVXX), Lisboa, Portugal: Edições 70:2006.

SUTTON, David. **Radiologia e Diagnóstico e Diagnósticos de Imagem**, São Paulo, Editora Roca, 1996.

WESTBROOK, Catherine. *Manual de Técnicas de Ressonâncias Magnética*, 2010.

www.google.com.br/https://www.bing.com/images/search?q=wilhelm+conrad+r%c3%b6ntgen&FORM=HDRSC2

<http://ebm.ufabc.edu.br/wp-content/uploads/2011/10/Como-funciona-a-geração-de-imagens-por-ressonância-magnética.pdf>

www.radiologia.blog.br

<http://www.famerp.br>

SOBRE A ORGANIZADORA

JEANINE MAFRA MIGLIORINI Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2003) e em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2007), Especialista em História, Arte e Cultura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e Mestre em Gestão do Território pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora do ensino superior na Unicesumar e profissional liberal da arquitetura. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Projeto de Arquitetura. Explora principalmente os temas: arquitetura modernista, história da arquitetura, projetos de arquitetura, dança, preservação, paisagem modernista. Cursando Gastronomia na Unicesumar e pós graduações em Projeto de Interiores; Docência no Ensino Superior: Tecnologias Educacionais e Inovação e Design Thinking e Criatividade nas Organizações.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-056-8

